

Translatio

Revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva
número 1 -novembro de 1998

Translatio

Revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva
Número 1 - Novembro de 1998

Conselho Editorial

Edwin Gentzler
Else Vieira
Haroldo de Campos
Heloísa Gonçalves Barbosa
Ignácio Neiss
John Milton
Lúcia Rebello
Lya Luft
Maria da Graça Krieger
Rosemary Arrojo
Tânia Franco Carvalhal

Translatio/Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva. IL/UFRGS. Vol. 1, (nov. 1998)-
Porto Alegre: NET, 1998 -

---v.

Anual

1. Estudos de Tradução. 2. Literatura Comparada. 3. Estudos Culturais.

CDD 418.02

Jean-Marc Moura
Maria Luiza Berwanger da Silva
*Dilamar Paulo Jhan**

Meu propósito aqui não é voltar aos princípios teóricos e metodológicos da imagologia literária¹, mas examinar algumas evoluções e tendências recentes desses trabalhos a fim de voltar-me para um campo de estudos que lhe é diretamente ligado: o da francofonia vista sob o ângulo do pós-colonialismo.

I. Os Estudos de Imagens

Podemos, quanto à imagologia, indicar processos de análise comparáveis entre um estudo e outro, que permitam evocar um método ou, ao menos, uma tentativa comparativa? Seria possível chegar-se a princípios eventualmente extraídos da massa das obras imagologistas? Lembro desde já que o corpus imenso desses trabalhos divide-se em dois conjuntos complementares:

* Dilamar Paulo Jhan é bolsista CNPq/PIBIC no Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva.

¹ Ver, sobretudo: MOURA, J.M. *L'Image du tiers monde dans le roman français contemporain*. Paris: P.U.F., 1992; "L'Imagologie littéraire: essai de mise au point historique et critique", R.L.C., 3, 1992; Jornada Marcel Bataillon, organizada por Daniel Pageaux, Paris III, novembro de 1995 (texto a ser publicado).

a) uma teorização bastante recente feita principalmente por universitários alemães e francófonos²;

b) várias gerações de trabalhos: os ensaios pioneiros do início do século, os estudos decisivos dos anos 50 - marcados freqüentemente por um recurso exagerado à psicologia dos povos -, aqueles dos anos 60 e 70 - caracterizados por um espírito mais positivo (no sentido laico do termo), ligado ao exame cuidadoso das fontes, às condições ideológicas de elaboração da imagem, ao contexto histórico -, e finalmente os estudos dos anos 70 e 80 que se esforçam pela clarificação intelectual integrando as contribuições das novas escolas críticas³.

Uma tendência geral consiste em situar desde logo o estudo ao nível do imaginário social, pois que a apreensão da realidade estrangeira por um escritor não é direta mas mediatizada pelas representações imaginárias do grupo ou da sociedade à qual pertence. A partir desse ponto central, tornam-se possíveis trabalhos sobre o referente (leitura de uma realidade histórica através de um texto entendido como documento) ou, mais seguidamente, sobre a criação de um autor em que a singularidade tenha sido primeiramente mensurada no horizonte imaginário de sua época. Essa valorização do imaginário social como o lugar de análise leva-nos a examinar o problema da complexa relação que entretêm as obras com este mesmo imaginário.

Num artigo de 1992⁴, propus apreender, na linha da hermenêutica de Paul Ricoeur, a diversidade das práticas imaginativas sociais a partir de dois pólos: estas duas figuras antagônicas e semi-patológicas do imaginário social que são a ideologia e a utopia

² Teoria alemã: H. Dyserinck, M.S. Fischer; suíça: Manfred Gsteiger; francesa: M. Cador, D. Pageaux. Podemos igualmente citar, no domínio romeno, os trabalhos de Alexandru Dutu. Esta lista, no entanto, não se pretende de modo algum exaustiva.

³ Por exemplo: DYSERINCK, H. & SYNDRAM, K.V. *Europa und das Nationale Selbstverständnis*. Bonn: Bouvier, 1988; LAFARGA, Francisco (org.). *Imágenes de Francia en las letras hispanicas*. Estudios de literatura española y comparada, P.P.U., 1989; e, menos especificamente comparatista: DUFOURNET, Jean (org.). *L'Image de l'autre européen, XVe-XVIIe siècle*, Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1992.

⁴ "L'Imagologie littéraire: essai de mise au point historique et critique", *Revue de Littérature Comparée*, R.L.C., 3, 1992.

(noções entendidas num sentido descritivo e não, como o é habitualmente, polêmico). Se seguirmos Ricoeur e admitirmos que o imaginário social caracteriza-se pela “tensão entre uma função de integração e uma função de subversão”⁵, entre um pólo ideológico e um pólo utópico, uma tipologia das imagens do estrangeiro pode ser visualizada. O princípio geral desta última é constituído pela distinção entre a ideologia, que representa o estrangeiro segundo os esquemas dominantes - positivos ou não - da cultura ou da sociedade (o limite desta imagem ideológica sendo o estereótipo, resumo emblemático de uma cultura estrangeira), e a utopia, que o põe em cena segundo termos excêntricos, restituindo o estrangeiro à sua alteridade ou, pelo menos, permitindo-lhe escapar às representações socialmente aceites para conduzi-lo ao mito pessoal.

Essa distinção coloca uma série de problemas concernentes notadamente às modalidades de articulação do literário ao social. Os marcos de adesão, de des-centramento ou de contestação são, com efeito, próprios a cada campo cultural e literário considerado (intervêm as noções de verossimilhança, tradições narrativas, teorização da prática de escritura, etc.). Aqui, a metodologia deve ser substituída por um empirismo interpretativo de bom quilate que saiva emancipar-se sem esquecê-la. Mas, em suma, a reflexão sobre os diversos níveis de análise do estudo imagológico, a teorização do conceito de imagem e a tipologia das imagens do estrangeiro em sua relação com o imaginário social autorizam a falar-se de um princípio de método nesse campo de pesquisas.

Um dos prolongamentos atuais dos mais interessantes encontra-se nos estudos norte-americanos sobre as “literaturas étnicas” (“ethnic literatures”), ou seja, as literaturas das minorias culturais dos Estados Unidos, como, por exemplo, a afro-americana, mundialmente reconhecida (veja-se a atribuição do prêmio Nobel a Toni Morrison), a dos Índios (“Native Americans”, como Martha Lamont ou N.Scott Momaday), a literatura “chicana” (dos imigrados mexicanos, por exemplo, Gloria Anzaldúa⁶) ou a sino-americana (Maxime Long Kingston, Amy Tan).

⁵ Essais d'herméneutique, Paris: Seuil, 1986, p.391.

⁶ Ver também: CANDELARIA, Cordelia. *Chicano Poetry: A Critical Introduction*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1985.

Os teóricos da literatura têm salientado que os autores dessas “ethnic literatures” representam um desafio às construções americanas hegemônicas da nação, da cultura e da história. De encontro à imagem de uma América branca e democrática funcionando como um “melting-pot”⁷, elas afirmam sua dupla identidade, americana e provinda de uma origem específica da qual querem preservar a memória (trabalho memorial que Toni Morrisom chamou de “re-memory”). Para eles, e diferentemente de seus antecessores (imigrantes do início do século), origens culturais distintas não são mais um opróbrio ou um estigma. Os Estados Unidos são vistos como o terreno de encontro de diferentes populações disaspóricas e transnacionais reivindicando uma dupla cidadania. A escritura torna-se uma das práticas propiciadoras à afirmação dessa visão cultural inédita. A escritora chicana Gloria Anzaldúa percebe-se, desse modo, vivendo nos confins de três culturas - branca, mexicana e índia -, e faz jogar constantemente sua personalidade “étnica” com a cultura dominante. Seus escritos respondem à uma consciência mestiça (“mestiza consciousness”) maior que a soma de seus componentes separados (“greater than the sum of its severed parts”)⁸.

O estudo dessas literaturas, compreendidas pela imagem de si e do outro, situa-se na conjunção de três pesquisas:

a) os *Cultural Studies*: o escritor contribuindo pela prática da escritura à perenidade de uma cultura, recusando o mito do “melting-pot”;

b) os estudos feministas: muitos dos autores recentes são mulheres preocupadas em afirmar uma especificidade da escritura feminina. Conseqüentemente, a memória cultural das mulheres é com freqüência diferente da dos homens. A nostalgia certamente não é uma questão de gênero, mas as mulheres têm boas razões para não lamentar os tempos antigos. As imigrantes são menos nostálgicas do país original pois este evoca o mais das vezes lembranças dolorosas de comportamentos sexistas e de atitudes patriarcais. Assim, em *The Other Side* (1989), de Mary Gordon, a heroína Ellen Mac Namara não tem

⁷ “Cadinho” ou “caldeirão cultural”. Em inglês, no original (N.T.).

⁸ In: SINGH, A.; SKERRET JR., J.T.; HOGAN, R.E. (org.). *Memory and Cultural Politics*. Boston: Northeastern University, 1996, p. 57.

nostalgia pela Irlanda original tal qual a pôde descrever James Joyce. À sua imagem, a memória feminina adverte freqüentemente contra a glorificação excessiva do exílio ou da expatriação e a nostalgia dos tempos heróicos.

C) os estudos pós-coloniais: os Estados Unidos são por certo considerados uma nação pós-colonial, mas os autores podem insistir sobre este problema, oculto ou não, da história americana, como o tratamento aos Índios quando da conquista, a colonização de escravos no sul, o apoio às ditaduras do Terceiro Mundo desde a Segunda Guerra Mundial, justificada em termos de combate ao comunismo. No limite, e em oposição ao discurso de assimilação étnica construído pela história dominante, a teoria pós-colonial afirma que o estatuto imutável dos Afro-americanos e dos Índios na sociedade americana pode ser explicado em termos de tratamento dessas categorias como sujeitos coloniais interiores (“internal colonial subjects”)⁹.

Essas pesquisas inscrevem-se no prolongamento da imagologia. Poderia-se dizer que são a resposta americana aos estudos imagologistas europeus. Mas “ethnic literatures”, os escritores mostram-se parcialmente estranhos a seu país e à sua cultura, tentando forjar uma imagem dual em que se reconheça um eu plural tributário de uma representação de si ao mesmo tempo “ideológica” (no sentido de Ricoeur) - a da cultura dominante - e utópica - a da minoria cultural de que é originário.

O risco, para uma teoria dessas literaturas, é negligenciar as especificidades de cada diáspora e de alinhá-las sob uma tendência global e única. Assim, uma obra recente como *Memory and Cultural Politics. New Approaches to American Ethnic Literatures*¹⁰ aborda as literaturas índia, chicana, afro-americana, judeu-americana, greco-americana, árabe-americana, japonesa-americana, etc. Os autores reservam-se o direito de não propor uma teoria geral dessas novas literaturas, mas vê-se o perigo implicado para quem, numa tentativa de abstração excessiva, tentasse diagnosticar uma coerência sem dúvida forçada. Mesmo que todos esses autores tenham como ponto comum o esforço

⁹ SINGH, A. et alii. Op.cit., p.11.

¹⁰ Op.cit. Ver também o volume anterior e complementar: *Memory, Narrative and Identity*.

de combate à “relação hierarquizada”¹¹ que a imagem do outro sempre revela, o campo dos estudos imagologistas permanece aberto e votado, por enquanto, à pluralidade teórica.

Por ocasião da Jornada Marcel Bataillon, organizada por Daniel Pageaux na Universidade de Paris III, assinalo as tendências críticas atuais que me parecem importantes como complemento ou auxiliares da imagologia. Gostaria de evocar mais especificamente uma delas, a da crítica pós-colonial e suas relações com a francofonia, pois também aí a questão da imagem e da relação hierarquizada coloca-se plenamente.

II. Crítica Pós-Colonial e Francofonia

A crítica pós-colonial¹² concentra-se sobre um conjunto literário (que se pode chamar “literaturas da emancipação” ou “novas literaturas”) em que, se as encarmos quanto à posição diante da colonização e suas conseqüências, é possível reconhecer qualidades temático-formais específicas.

Esses fatos determinam desde já um ponto de vista particular sobre a literatura européia inspirado sobretudo nos trabalhos de Michel Foucault, Louis Althusser e, posteriormente, Edward Said sobre o investimento de práticas textuais nas relações de poder. Nesta perspectiva, a leitura do romance europeu moderno concentra-se sobre os

¹¹ PAGEAUX, D. *La Littérature générale et comparée*. A. Colin, 1995, p.57.

¹² Esta crítica caracteriza-se pela publicação de importantes obras, de volumes de estudos coletivos e de vários artigos em revistas literárias dos Estados Unidos e Grã-Bretanha. Muitas revistas consagraram números especiais a esta corrente, tratando dos seguintes temas: “Third World Thinking”, “Colonial Discourse”, “Narratives of Colonial Resistance”, “Postcolonial African Fiction”. Por exemplo: *Critical Exchange* (primavera de 1987), *Cultural Critique* (primavera-outono de 1987), *Inscription* (outono de 1988), *Modern Fiction Studies* (primavera de 1989-outono de 1991). Routledge, editor, consagra uma parte não negligenciável de suas atividades a esta área. Veja-se: THIEME, John (ed.). *The Arnold Anthology of Post-colonial Literature in English*. Londres: Arnold, 1996.

grandes elementos de um imaginário colonial, ou mesmo colonialista. Ligado assim à textualidade do império e a seus traços literários, o estudo da literatura europeia e das literaturas eurófonas recorta grandes fases demasiado previsíveis, sendo os critérios tomados de empréstimo à história: desenvolvimento da literatura colonialista dos séculos XVIII e XIX¹³; apogeu do império na virada do século e o surgimento de heróis coloniais mais inquietos¹⁴; inquietudes do entre-guerras, de onde surgem figuras do mal-estar imperial¹⁵. Em seguida, o período da independência verá eclodir obras mais orientadas à problemática da identidade nacional e cultural. O exemplo das literaturas francófonas permite mensurar a coesão e as evoluções da literatura pós-colonial.

Chamo a atenção dos já sabidos inconvenientes do termo “francofonia”, que pretende substituir a um fracasso político expansionista uma substância lingüística que, em certos países como Bélgica e Suíça, nada deve ao imperialismo francês. Poder-se-ia criticar a noção de literatura francófona nos mesmo termos com que Salman Rushdie denuncia seu homólogo inglês, a literatura do Commonwealth:

“parece que a literatura do Commonwealth é esse conjunto de escrituras criadas, creio, em língua inglesa, por pessoas que não são elas próprias ingleses brancos, nem irlandeses, nem mesmo cidadãos dos Estados Unidos da América...”

Não somente é um gueto, mas um verdadeiro gueto de exclusão. É a criação de um

¹³ Uma conquista colonial praticamente incontestada. Uma obra como *Viagem no Oriente*, de J.C.Berchet (Paris: R.Laffont, 1985) mostra até que ponto, aos olhos dos viajantes franceses, o Oriente Próximo é uma região sobre a qual a dominação europeia não é posta em questão.

¹⁴ Por exemplo, o personagem Jim, de Joseph Conrad. Enquanto que, para Kim, de Rudyard Kipling, o imperialismo é um Grande Jogo (“Great Game”), para Jim trata-se de uma inquietante questão ligada à honra do homem branco (*Lord Jim*, 1900). Veja-se igualmente René Leys, personagem de V.Segalen, escolhendo uma China do passado, definitivamente transformada, contra a China moderna aberta às influências ocidentais (*René Leys*, 1913-14).

¹⁵ Pense-se, por exemplo, em romances como *Passagem para a Índia* (1924), de E.M.Forster, *Burnese Days*, de G.Orwell (1934), ou no episódio africano de *Viagem ao fim da noite*, de Céline.

tal gueto tinha, e tem, por efeito efeito mudar o sentido do termo bem mais amplo de 'literatura inglesa' - que sempre considerei como significando simplesmente a literatura de língua inglesa - para torná-lo qualquer coisa de segregacionista quanto aos planos topográfico, nacionalista e até mesmo racista."¹⁶

A crítica não é infundada. A francofonia possui um sentido lingüístico (em torno de 120 milhões de francófonos no mundo¹⁷) e um sentido institucional (muitas associações públicas e privadas a sustém). Os professores de francês como língua estrangeira são em número de aproximadamente 250 mil - dos quais 20 mil franceses ou francófonos -, no mundo - o que significa quase a população de Nantes ou Strasburg. O francês é, deste modo, a única língua, juntamente com o inglês, a poder dispor de um corpo educativo de uma tal amplitude e de uma tal diversidade geográfica¹⁸ (inclusive na Internet, que contém um considerável conjunto de "sites" francófonos). Mas, quais significações *literárias* pode o termo recobrir? Pode-se, uma vez mais, citar Rushdie:

"o que se passa é que os povos outrora colonizados pela língua estão prontos a reconstruí-la rapidamente, a domesticá-la; tornam-se gradualmente mais à vontade na maneira de utilizá-la - auxiliados pela dimensão e a extraordinária flexibilidade da língua inglesa, estão a ponto de traçar imensos territórios no interior de suas fronteiras."¹⁹

À condição de substituir "língua inglesa" por "língua francesa" (e talvez de não se falar em "extraordinária flexibilidade"), encontra-se um processo semelhante nas literaturas francófonas. Trata-se de um fenômeno complexo, de ordem intelectual e estética e, por

¹⁶ RUSHDIE, S. *Patries imaginaires*. Paris: C.Bourgois, 1993, p.79.

¹⁷ Fonte: LUTHI, J.; VIATTE, A.; ZANANIRI, G. *Dictionnaire général de la francophonie*. Letouzey & Ané, 1986.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Op.cit., p.80.

isso mesmo, difícil de ser pensado. Depende, no entanto, inteiramente do comparativismo. De fato, duas grandes orientações comparatistas são aqui observáveis: uma história dos grandes movimentos estéticos e um estudo pós-colonial.

Antes mesmo de evocar o colonialismo e suas seqüelas, pode-se com efeito estudar a francofonia traçando a história dos grandes movimentos estéticos que a percorreram. É o caso, por exemplo, da recente obra de Bernard Lecherbonnier sobre o surrealismo francófono²⁰. Excluídas a Suíça e o Maghreb, todas as zonas do espaço francófono viveram a experiência surrealista no sentido estrito (escritores que aderiram formalmente ao surrealismo). Mas antes de ser uma doutrina, esse surrealismo é “fundamentalmente uma atitude de espírito” (Paul Nougé) e, contrariamente ao que se pensa, “o surrealismo central não impôs seus pontos de vista a seus êmulos - em geral, bastante indisciplinados - dos países de língua francesa”²¹. Daí uma diversidade poética e histórica que torna a priori difícil de se falar do surrealismo francófono como de um conjunto coerente. Entretanto, a par dessa pluralidade, Lecherbonnier mostra como cada surrealista escolhe “desafiar os limites da palavra em seu duplo desdobramento, espacial e temporal, de elevar-se até o fogo sagrado do interdito atentando à própria ordem da linguagem”²². Desse modo, apesar de contextos tão diversos quanto a Bélgica, as Antilhas, a ilha Maurice, o Egito ou o Québec, as obras de Paul Nougé, Aimé Césaire, Malcolm de Chazal, George Henein e Claude Gauvreau partilham de uma preocupação espiritual, estética e mesmo ética em que a comunidade se revela mais fortemente no fato de exprimir-se, através de obras poéticas distintas, na mesma linguagem com que se busca atingir a *carne*. Um estudo como *A Carne do Verbo* autoriza-nos, portanto, a falar de francofonia num sentido plenamente literário.

O estudo pós-colonial situa-se em um nível mais político, mas permite-nos também pensar essa coerência. Parte ele do reconhecimento de um fato simples: o jogo de interações históricas dos países francófonos com o Ocidente marcou profundamente essas culturas, conduzindo-as a produzir um conjunto de práticas culturais que marcam sua inserção num espaço mundial colonial e, em seguida, pós-colonial. Nesta perspectiva,

²⁰ La Chair du Verbe. Surréalisme et francophonie. Publisud, 1992.

²¹ Idem, p.16.

²² Ibid., p.363.

a crítica atém-se às literaturas marcadas pela experiência da colonização e que buscam promover quadros simbólicos distintos da unificação imperialista.

Não seria o caso de retornar aqui de maneira detalhada às estéticas da resistência elaboradas por tais literaturas no intuito de combater os clichês metropolitanos desde o escandaloso sucesso de *Batouala*, de René Maran (prêmio Goncourt de 1921)²³. Gostaria no entanto de apresentar rapidamente quatro abordagens atuais e complementares que me parecem importantes e que, em geral, são resultado sobretudo de pesquisadores anglo-saxões ou alemães: as pesquisas concernentes à temática da identidade cultural, as que conciliam lingüística e literatura, aquelas que se assemelham à uma história e à uma sociologia da criação e aquelas enfim que constituem uma espécie de história literária do presente.

1. A temática da identidade

A identidade, cultural ou nacional, está no centro das preocupações da literatura pós-colonial. As situações no entanto variam e duas grandes categorias deve ser distinguidas: a literatura dos povos oprimidos, cuja descolonização é recente (África, Ásia, Caraíbas) e a dos povos colonizados, que designarei *crioula* no sentido etimológico do termo²⁴ (caso dos canadenses, oriundos da colonização européia)²⁵. Além da diferença de

²³ Remeto o leitor interessado a um artigo a ser proximamente publicado na *Revue de Littérature Comparée*.

²⁴ Lembramos que a palavra provém do espanhol *criollo*; em francês, verifica-se seu uso desde o fim do século XVI. Segundo Furetière, significa: “nome que os espanhóis dão a suas crianças nascidas nas Índias”. Em seguida, passará a designar todos os europeus nascidos nas colônias. Dois problemas estão ligados ao uso dessa palavra. Primeiro: nas colônias francesas, designa tanto os nativos dessas terras quanto os Brancos ou mesmo os Negros (para um balanço das diferentes ocorrências, veja-se: CHAUDENSON, R. *Les Créoles*. Paris: P.U.F., “Que Sais-je?”, 1995). Segundo: tomou o sentido mais freqüente de idioma específico das colônias, ou seja, em sua significação geral: Branco (descendente dos colonizadores) nascido em uma (ex-)colônia européia.

²⁵ A escola da Argélia (denominação devida a Gabriel Audisio), que contou em sua lista com autores tais como Albert Camus e Emmanuel Roblès, pertence a esta literatura. *O Primeiro Homem*, de Camus, trata

condições materiais, o contraste entre as duas literaturas pode ser vista e apresentada a partir da questão da *diferença* e da *continuidade*. Os autores asiáticos, africanos e antilhanos concentraram-se sobre a *diferença* histórica, racial ou metafísica de uma identidade cultural mutilada pelo colonialismo. Antes de tudo, precisavam reencontrar o fio de uma história em consonância com o que o autor (e, segundo crê, a coletividade) concebia como sendo os mitos fundadores e os valores ancestrais negados pelo Ocidente. A vigilância quanto ao legado colonial impunha-se: importava distanciar-se mas, simultaneamente, não podia ser totalmente eliminado; importava adaptá-lo reinterpretando-o. A restauração de uma simbólica que fosse ao mesmo tempo profundamente indígena e inteligível ao grande número²⁶ corresponde ao que Amílcar Cabral, um dos líderes da África ocidental lusófona, chama, para seu continente, “re-africanização” dos espíritos²⁷.

As tentativas para alcançar formas de expressão autênticas, isto é, autóctones, devem-se a três grande tipos narrativos: a reinterpretação de antigas lutas anti-imperialistas²⁸; o relato da “comunidade perdida”, insistindo sobre a plenitude da vida tradicional²⁹; e, finalmente, o que se poderia designar por *autobiografia simbólica*, no sentido em que o autor, ao narrar sua vida, resume através desta o acesso de todo um povo à

precisamente da questão do homem que, não sendo nem metropolitano nem autóctone, deve aprender a fazer-se a si-mesmo e torna-se, neste sentido, o primeiro homem. No domínio anglófono, distingue-se principalmente Índia, África e Caraíbas, de um lado, Austrália e África do sul, do outro.

²⁶ Pode-se citar vários exemplos, desde a “antilhanidade”, expressa por Edouard Glissant, até a mitologia lemuriana dos mauricianos, que fascinou Malcolm de Chazal e Jean-Georges Prosper (*Apocalypse mauricienne*, 1964), ou ainda a especificidade haitiana, onde o vodu é uma componente maior, cantada por René Depestre (*Le Mât de Cocagne*, 1979) ou Pierre Clitandre (*Cathédrale du mois d’août*, 1982).

²⁷ *Unité et lutte*, I, 1985.

²⁸ Nkrumah explicando em sua autobiografia que buscou na luta indiana pela independência um modelo para a África; Gandhi tornando-se um exemplo em *A Grain of Wheat*, de Ngugi Wa Thiong’o (1967); Kateb encontrando na figura de Ho Chi Minh e na luta vietnamita o símbolo da resistência à opressão (*L’Homme aux sandales de caoutchouc*, 1970).

²⁹ *Quatrième Siècle*, de Glissant, de 1964, explorando os quatro séculos, ou quase, da presença nas Antilhas e o destino da comunidade de africanos transplantados; Kateb restaurando em *Nedjma* o mito da comunidade ancestral dos Beni Hilal, reputados por sua resistência aos invasores; Jomo Kenyatta insistindo, em *Facing Mount Kenya* (1938), sobre a exemplaridade da vida tradicional gikuyu.

independência³⁰. Trata-se, para o escritor, de reapossar-se à cada vez, nos episódios de seu passado, dos símbolos que permitam esclarecer a situação presente. A coerência dessa segunda idade da literatura pós-colonial sustenta-se portanto no fato de que as obras podem ser lidas como “alegorias nacionais” (Fredric Jameson). À diferença do romance ocidental moderno, essas literaturas não estabelecem limites marcantes entre o público e o privado, entre o poético e o político. Ao contrário, essas alegorias são conscientes e supõem uma relação do político e do imaginário literário extremamente inédita na tradição romanesca européia.

Entre os autores do Québec, o problema desloca-se para além da problemática estritamente colonial: esforçam-se por resistir a uma influência anglo-saxônica predominante. Também aí a criação de uma simbólica autóctone impõe-se como tarefa primeira dos autores. A diferença desta para com as literaturas colonizadas reside na estratégia de recorrência cultural: diz respeito menos à diacronia que à expressão de uma experiência presente e inassimilável à da Europa. Trata-se de encontrar uma linguagem *em contigüidade* com o quadro canadense intimamente provado, com a vida atual nesse quadro, com o que o poeta Gaston Miron denomina o “telurismo do quebecquense”. Os autores procuram escrever paisagens quase sem correspondência com as da Europa, a experiência de outros costumes e o conhecimento de uma vida urbana e nacional confrontada a seus problemas específicos. Retomam menos o fio de uma tradição rompida (como fazem os escritores dos países cada vez mais colonizados), do que exprimem uma visão do mundo *atual*, numa língua onde a memória européia faz-se cada vez mais enganadora. “Franceses da América”, suficientemente seguros de seu francês voltarem-se à sua experiência da América, isso permitiu aos quebecquenses, segundo a expressão de Jacques Fobout, “escrever o americano diretamente em francês!”³¹.

³⁰ Nehru, *An Autobiography* (1936); Nkrumah, *Autobiography* (1957); *Nedjma*, qualificado justamente por J. Arnaud de “autobiografia no plural”. Um personagem de romance pode também tornar-se emblema da nação (C. Achebe, *Things Fall Apart*), conforme: DURIX, J.P. *The Writer Written: The Artist and Creation in the New Literatures in English*, New York: Greenwood, 1987.

³¹ “Place Cliché”, in: *Liberté*, novembro-dezembro de 1981.

2. A conjunção da lingüística e da crítica literária

O trabalho de adaptação de uma língua europeia, forçadamente em desnível frente à cultura evocada, é um elemento crucial das literaturas eurófonas. De um ponto de vista geral, pode-se perceber diversos graus de adaptação literária dessa linguagem. Chantal Zabus identificou quatro³², indo desde a aceitação do postulado segundo o qual a linguagem europeia pode expressar, ao preço de modificações lexicais e sintáticas mínimas, a cultura autóctone, até a praticada auto-tradução (o keniano Ngugi Wa Thiong'o traduziu seu romance *Caitani-Muthataba-Ini* do gikuyu para o inglês *Devil on the cross*, publicado em 1983; o poeta martinicano Monchoachi fez o mesmo, do crioulo para o francês, com o seu poema *Nostrum*, também de 1983), passando pelo método da explicação e da explicitação contextual do referente autóctone (via notas de pé-de-página ou outras técnicas, criando uma verdadeira "dupla linguagem"³³), e a busca de outros veículos que não o relato (o filme, para Sembène Ousmane).

À cada vez, essa adaptação engaja verdadeiramente a língua europeia rumo à expressão do que ela cala ou não pode dizer sem desvio, ato de escritura por excelência muito bem apresentado pelo indiano Raja Rao no prefácio de seu romance *Kanthapura*: "Esta história não foi fácil de contar, pois tratava-se de fazer passar numa língua que não é a nossa o espírito que nos é próprio."³⁴

³² Por exemplo, ZABUS, C.: "Othering the Foreign Language in the West African Europhone Novel", *Canadian Review of Comparative Literature*, setembro-dezembro de 1990, pp. 349-66.

³³ Jean-Marie Adiaffi falou a respeito deste método: "O que não me agrada é ler um livro em que há demasiadas notas. Isto quebra o prazer da leitura. Prefiro jogar numa espécie de bilingüismo, tomando as palavras africanas. Se não as posso traduzir, guardo-as e traduzo-as de lado. Utilizar as duas palavras, arranjar-me para explicá-las, estando a palavra francesa em aposição à palavra agni para explicá-la. Simplesmente para o conforto do leitor (in: Riesz et alii: "La Carte d'identité", entrevista com J.M. Adiaffi, *Bayreuth African Studies Series*, 8, 1986, p.45). Por certo, as modalidades de explicação e a contextualização são individuais e extremamente diversas, indo por exemplo da galicização do crioulo, como o faz Simone Schwartz-Bart, até a criouliização do francês, tal como o pratica Maryse Condé (veja-se J. Bernabé: "Le travail de l'écriture chez Simone Schwartz-Bart", *Présence Africaine*, 1982).

³⁴ Citado por: CHANDA, Tirthankar. "Dans le Bouillonnement novateur des lettres indo-anglaises", *Monde diplomatique*, junho de 1995, p.28.

Vem daí o interesse de uma análise situada na conjunção da lingüística e da literatura³⁵, recentemente ilustrada por autores como Lise Gauvin, Jean-Marie Klinkenberg ou Jean Bernabé (a edição 101, de fevereiro de 1996, da revista *Littérature*, dá conta do fenômeno propondo uma bibliografia de várias páginas consagrada a trabalhos realizados nos últimos vinte anos).

Escrever, para os autores pós-coloniais, é realmente um *ato de linguagem* pois a escolha de tal língua de escritura revela o estatuto de uma literatura, sua definição dos códigos e uma teorização da natureza e do funcionamento do literário. As letras pós-coloniais são, neste sentido, “literaturas da inquietude” quanto à língua³⁶, uma vez que se constroem a partir de um plurilingüismo complexo, seja ao nível da heterologia (variedade de registros), da heterofonia (diversidade de vozes), seja da heteroglossia (variedade de línguas). Lise Gauvin dá-nos um exemplo impressionante ao destacar que o repertório subjacente aos textos quebecquenses de 1850 a 1948 é quadrifônico, compreendendo duas variedades complexas do francês, o regional e o internacional, bem como o inglês e o latim. O caso mais recente de *Elogio da criouldade* é também eloqüente. Ressaltam os autores que:

“A criouldade não é monolíngüe. Tampouco participa de um multilingüismo de compartimentos estanques. Seu domínio é a linguagem. Seu apetite, todas as línguas do mundo. O jogo entre diversas línguas (seus lugares de atritos e de interações) é uma vertigem polissêmica.”³⁷

³⁵ Signo, entre outros, da renovação dessa perspectiva crítica é a criação de uma nova revista, em 1992, na Universidade de Lancaster, a *Language and Literature*.

³⁶ GAUVIN, Lise. “Glissements de langues et poétiques romanesques: Poulin, Ducharme, Chamoiseau”, *Littérature*, 101, fevereiro de 1996, p.8.

³⁷ BERNABÉ, Jean; CHAMOISEAU, Patrick; CONFIANT, Raphaël. *Eloge de la créolité*. Paris: Gallimard, 1989, P.48.

Essa reflexão sobre o trabalho lingüístico do pós-colonialismo pode tomar a forma de uma conceitualização geral. Jean-Marie Klinkenberg empreende esta via a propósito das letras belgas, cujo estudo pode ser útil para a análise pós-colonial. O autor insiste na noção de *insegurança lingüística*, importante no âmbito da francofonia³⁸. Os sócio-lingüistas realça que há insegurança quando há, de uma parte, uma representação muito nítida das variedades lingüísticas legítimas e, de outra, sabe-se que suas produções efetivas não são conformes à norma. Ora, com o francês, talvez a língua mais fortemente institucionalizada do mundo (ligada a inúmeros aparelhos de celebração e de exaltação sem equivalente), a falta de segurança lingüística das coletividades francófonas periféricas desenvolve-se facilmente.

Para o caso belga, Klinkenberg sublinha que as reações são seguidamente semelhantes em situação de insegurança: o silêncio (o “no man’s langue”), mas sobretudo a auto-depreciação que desemboca em dois tipos de escritura - o purismo (não é por acaso que a Bélgica é uma terra de gramáticos e que nosso “modo correto” venha deste país) ou a superescritura (uso livre e inventivo dos recursos do francês, em que as “más sintaxes ao claro” de Elskamp ou as invenções de Michaux são bons exemplos)³⁹. As observações de Klinkenberg, convincentes quanto à literatura belga, poderiam ser desenvolvidas e mesmo sistematizadas para as letras francófonas pós-coloniais (pense-se na língua clássica respondendo à busca de purismo de Senghor, ou à “superescritura” de um Chamoiseau ou de um Confiant).

Esta sistematização abriria uma nova área de pesquisas, que um pesquisador como Jean Bernabé chama de seus votos e batiza de *glotocrítica*: a observação dos fatos de língua nos textos⁴⁰. Não seria mais questão de buscar a especificidade lingüística da língua/fala

³⁸ FRANCARD, Michel et alii. *L'Insécurité linguistique dans les communautés francophones périphériques*, Louvain: Peeters, 1993.

³⁹ Veja-se: KLINKENBERG, J.M. “La Production littéraire en Belgique francophone. Esquisse d’une sociologie historique”, *Littérature*, 44, 1981; FRANCARD, M. et alii. “Insécurité linguistique et production littéraire. Le problème de la langue d’écriture dans les lettres francophones”, *op.cit.*, pp.71-80.

⁴⁰ BERNABÉ, J. “Contribution à une approche glotocritique de l’espace littéraire antillais”, *La Linguistique*, Paris, XVIII, 1, 1982, pp.85-109.

literária (os estudiosos são unânimes ao negar uma tal especificidade), e sim de refletir sobre a língua enunciada nos próprios textos. Questiona-se, então, sobre a maneira pela qual a literatura põe em cena a língua das comunidades que ela descreve, o estatuto das diversas variedades (regionais, sociais, históricas) no interior da ficção, a representação dos conflitos lingüísticos, a apresentação enfim das línguas/falas nas obras literárias.

As literaturas pós-coloniais estão em evidência nos lugares estratégicos desse estudo das línguas presentes nos textos. Pode-se analisá-los quer nas suas variações internas (fatos ligados à oralidade, ao plurilingüismo, à diglossia, etc.), quer sob uma perspectiva histórica. Os trabalhos atuais parecem tender à hipótese de que é possível indicar certas regularidades na produção literária pós-colonial no que diz respeito ao tratamento narrativo das línguas. Em todo caso, um consenso metodológico parece reinar: os pesquisadores modulam e completam uma abordagem por outra: a sócio-crítica pela análise institucional, a lingüística estrutural pela análise do discurso e a abordagem pragmática. Um sincretismo teórico, portanto, desenvolve-se, evitando os exclusivismos, as excomunhões e as teorias categóricas de outrora⁴¹.

3. História e sociologia da criação

Uma história e uma sociologia comparada são necessárias ao estudo da francofonia. Um exemplo nos bastará: Christophe Charle publicou, com *Os Intelectuais na Europa no século XIX* (Seuil, 1996), um ensaio de história comparada debruçando-se sobre as condições ideológicas e sociais nas quais escreviam os homens que “vivem da manipulação dos bens simbólicos”. O autor nos mostra como as situações muito distintas dos intelectuais na Grã-Bretanha, na França, na Alemanha e na Espanha determinaram papéis, aspirações e transformações diversas. Como poderia ser diferente, quando se examina, por exemplo, o estado de miséria e de semi-alfabetização espanhola ao longo daquele século em comparação às nações vizinhas?

⁴¹ *Littérature*, 101, op.cit., p.93.

História e sociologia comparadas são também necessárias para as literaturas francófonas. Aproximar as francofonias africana e antilhana supõe que nos voltemos para as condições de escolarização bastante diversas de um DOM francês e as dos países da África ocidental. E como falar-se de uma literatura africana francófona esquecendo as taxas de alfabetização tão variáveis (59% na Costa do Marfim, 13% em Burkina-Faso)⁴²? Evidentemente, para além da escritura dos textos, divergências tão marcantes produzem leitores, aspirações intelectuais e trajetórias criativas diferentes. Um crítico como Bernard Mouralis mostrou-se interessado nesta dimensão sociológica em *Literatura e desenvolvimento*, de 1984. Os trabalhos de “recontextualização” das literaturas africanas de universitários alemães como Janos Riesz ou Hans-Jürgen Lüsebrink vão na mesma direção.

Essa sociologia da criação mostra, por outro lado, que há alguns anos dois grupos sociais negligenciados no momento das independências invadiram a cena da escritura pós-colonial (bem como, aliás, a cena social): os escritores verdadeiramente autóctones, primeiros ocupantes de uma terra logo colonizada, e as mulheres. As “primeiras nações” (“first peoples”, no Canadá; “native americans”, nos Estados Unidos) entraram na literatura de uma maneira significativa depois de dois ou três breves lampejos, não mais como personagens somente mas como autores. Os Aborígenes australianos, os Maoris neozelandeses e os Índios canadenses abrem assim um novo capítulo das letras anglófonas⁴³. Para a francofonia, a literatura ameríndia desenvolve-se desde os anos 40 no Canadá, com autores como George E. Sioui ou An Antane Kapesh em que as evoluções revelam-se interessantes⁴⁴.

Quanto à escritura feminina pós-colonial - sendo o francês utilizado como língua de “saída do harém”, segundo a expressão de Assia Djebar -, esta conhece uma expansão

⁴² Fonte: *Dictionnaire général de la francophonie*, op.cit.

⁴³ A respeito dos Aborígenes, veja-se: MUDROOROO. *Writing from the Fringe: A Study of Modern Aboriginal Literature*. Melbourne: Hyland House, 1990; e também, de Witi Ihimaera, *Tangi* (1973), o primeiro romance maori em inglês.

⁴⁴ BOUDREAU, D. *Histoire de la littérature amérindienne au Québec*. Montreal: L'Hexagone, 1994.

notável tanto na África quanto nas Antilhas, no Maghreb ou no Québec⁴⁵. A situação das mulheres num contexto multicultural engendra intérpretes bastante sutis da condição pós-colonial, atentos (por razões de submissão sofrida durante séculos, similares às das “primeiras nações”) a todos os esquemas de dominação herdados do modelo imperial⁴⁶.

4. História literária no presente

Os estudos pós-coloniais são de fato uma história no presente na medida em que não ignoram um movimento literário ao mesmo tempo planetário e diretamente contemporâneo, a “World Fiction”, dinâmica sobretudo anglófona existente há pelo menos uma quinzena de anos⁴⁷. O grande sucesso de *Enfants de minuit* (Crianças da meia-noite), de Salman Rushdie, foi um dos detonadores. Entretanto, as formas da *World Fiction* são tão variadas - indo do realismo mágico de Rushdie ou Ben Okri ao realismo século XIX de, por exemplo, Vikram Seth, escritor da linhagem de Charles Dickens -, que a etiqueta talvez seja enganadora.

Sua originalidade em relação às tradições europeias verifica-se antes na expressão de um multiculturalismo alegre, recusando, ou incapaz de, manter-se a um único fundo cultural. A maior parte das obras cultivam uma polifonia por vezes desconcertante. Trabalham com diferente registros (em *Os Versículos Satânicos*, o nome de Chamcha é uma versão indianizada de Samsa, personagem d’ *A Metamorfose*, de Kafka; Chamcha, por sua vez, transforma-se em bode), apóiam-se em realidades contrastadas, meios diversos (*Os*

⁴⁵ Outros exemplos de autoras: a) africanas: Aminata Sou Fall (*La Grève des Bâttu ou les déchets humains*, Paris: Nouvelles Editions Africaines, 1979), Mariana Bâ (*Un Chant écarlate*, Paris: Corrêa, 1948), Jeanne Hyvrard (*La Meurtritude*, Paris: Minuit, 1977); b) maghrebianas: Assia Djebar (*Femmes d’Alger dans leur appartement*, Paris: Edition des Femmes, 1980); c) no Québec, desde muito, as mulheres escrevem; no entanto, um movimento inspirado pela corrente feminista afirmou-se desde 1975 com Madeleine Gagnon, Marie Savard, Yolande Villermaire, entre outras.

⁴⁶ A propósito dessa escritura feminina, veja-se: BRAHIMI, D. *Appareillages*. Paris: Editions Deux Temps tierce, 1991.

⁴⁷ Veja-se, por exemplo, *Time international*, 6, de 8 de fevereiro de 1993, pp.46-51.

Versículos Satânicos transcorre na Londres dos anos 80, na Arábia no momento da fundação da religião muçulmana por Maomé e na Índia de distintas épocas), em estilos misturados, impuros, onde se contaminam o folclore e a modernidade, o oral e o escrito. Além disso, esse relato pós-colonial estabelece-se sobre uma amplificação do princípio a partir do qual Bakhtine revelava a especificidade do romance, o dialógico, levado ao extremo pela *World Fiction*.

Os autores francófonos não possuem o sucesso mundial de um Rushdie, de um Seth ou de um V.S. Naipaul, para quem a expansão da língua inglesa oferece um público verdadeiramente planetário. Mas um Tahar Ben Jelloun, inspirando-se simultaneamente na tradição oriental do conto e nos jogos narrativos à Borges (*A criança de areia*, 1985), ou um Edouard Glissant, pertencem a esta categoria de “viajantes entre as culturas” que se perguntam se a condição de escritor não reúne a do ser descolado de qualquer país, a do nômade perpétuo. Para a África, a tese recente de Ambroise Kongnivi Teko-Agbo sobre *Os Novos romancistas africanos* (Lille, 1993) traz um certo número de elementos atuais próprios às escrituras africanas (William Sassine, Thomas Mpyoi-Buatu, Sony Labou-Tansi, Henri Lopes, entre outros) que traduzem evoluções comparáveis às da *World Fiction*. Após as escrituras da resistência ao colonialismo, depois da busca positiva de uma identidade favorável à independência, a *World Fiction* é pois a terceira idade da literatura pós-colonial, aquela onde podem desenhar-se perspectivas verdadeiramente cosmopolitas. Aqui ainda, os estudos imagológicos vêm definir-se um campo de pesquisas de grande futuro.

Os estudos imagológicos e pós-coloniais levam, como o vimos, a questionamentos amplos pois se situam realmente ao nível das evoluções mundiais do século XX. Daí conduzirem à interrogação quanto ao ensinamento da literatura, levantando duas grandes questões no que tange ao estatuto atual de uma literatura nacional:

- o que é uma literatura nacional numa época de definhamento da estrutura do Estado-nação no sistema internacional?

- que vem a ser o estudo de uma literatura nacional numa época em que as identidades culturais afirmam-se gradualmente aquém (níveis regional ou “étnicos”) ou além (nível internacional, literatura da Europa do norte, literatura do Commonwealth, literatura francófona, literatura maghrebiana) do nível nacional?

Não tenho a pretensão de responder, mas levantar essas interrogações é sublinhar desde já que o futuro dos estudos literários passa pela literatura comparada.